

RESUMO - 01. EPISTEMOLOGIAS CRÍTICAS E ENFRENTAMENTOS À
VIOLÊNCIA DE GÊNERO NA POLÍTICA E NA ACADEMIA| HÍBRIDO

**ANÁLISE DE GÊNERO: UMA LEITURA DO (CIS)TEMA QUE IMPLICA NA
EDUCAÇÃO TRANSEXUAL E CURRICULAR**

Lucian Gonçalves Freitas (lucianfreitaspedagoga@gmail.com)

Maria Da Luz Alves Ferreira (maria.ferreira@unimontes.br)

Essa proposta é uma reflexão sobre a construção histórica, política e discursiva do gênero e da sexualidade a partir de um diálogo entre diferentes autores que vão de Michel Foucault a pensadoras contemporâneas brasileiras como Flávia Biroli, Maria Clara Araújo dos Passos e Thiffany Odara, além de Judith Butler. A análise parte do marco foucaultiano, que, em *História da sexualidade I* (1988), refuta a chamada “hipótese repressiva”, a crença de que a modernidade teria silenciado o sexo e demonstra que, ao contrário, houve uma intensificação discursiva sobre a sexualidade a partir do século XVII, em esferas religiosas, médicas, familiares e educacionais. Para Foucault, a sexualidade não é uma essência natural, mas uma construção histórica que emerge da relação entre poder e saber, moldando corpos, identidades e comportamentos.

Com base nessa perspectiva, o texto avança para as discussões contemporâneas de gênero no Brasil, destacando Flávia Biroli (2018), que investiga as conexões entre gênero, democracia e desigualdade. A autora evidencia como a divisão sexual do trabalho, especialmente a sobrecarga das tarefas domésticas e de cuidado que limita a atuação política das mulheres, aprofundando desigualdades estruturais, sobretudo entre mulheres negras e

pobres. Assim, Biroli demonstra que a democracia brasileira permanece incompleta, pois a igualdade de gênero é comprometida por opressões interseccionais de raça e classe.

Em seguida, o texto dialoga com Judith Butler (2024), que atualiza sua teoria da performatividade para enfrentar o “fantasma do gênero” promovido por discursos conservadores. Butler argumenta que o gênero é uma prática repetida de normas sociais, e que as identidades desviantes como as expressões drag, trans e queer, revelam o caráter artificial do sistema binário e funcionam como atos de resistência política contra a cis-heteronormatividade e o neoliberalismo autoritário.

Por fim, a discussão se volta às epistemologias e pedagogias travestis e trans desenvolvidas no Brasil, representadas por Maria Clara Araújo dos Passos (2022) e Thiffany Odara (2020). Passos propõe as “Pedagogias das Travestilidades”, nas quais o corpo travesti se torna agente educativo e político, capaz de desestabilizar instituições e instaurar saberes ancestrais e decoloniais. Já Odara, em sua “Pedagogia da Desobediência”, defende o reconhecimento do nome social e do corpo travesti como práticas radicais de resistência contra estruturas racistas, colonialistas e cisheterossexistas, propondo uma educação ética e libertadora.

O texto conclui que o gênero e a sexualidade não são categorias naturais, mas efeitos históricos de poder e discurso. As contribuições de Foucault, Biroli, Butler, Passos e Odara demonstram que compreender essas dimensões é essencial para repensar as bases da democracia, da educação e da cidadania. As pedagogias travestis e trans emergem, assim, como práticas insurgentes que descolonizam o conhecimento e desafiam o projeto normativo da modernidade ocidental, apontando para uma sociedade mais plural, justa e democrática.

Palavras-chave: lgbt+; pluralidade; neoconstitucionalismo.